

ERNESTO LACLAU (1935-2014): A TRAJETÓRIA DE UM LEGADO ÀS CIÊNCIAS SOCIAIS

Luis Gustavo Teixeira da Silva

Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

E-mail: gustavoteixeira2519@gmail.com.

RESUMO

O objetivo deste texto é prestar uma homenagem ao legado de Ernesto Laclau às ciências sociais. Para isso, oferecemos um panorama sobre seu contexto de formação, que percorre elementos da história Argentina, suas atividades como militante político e sua inserção no cenário acadêmico inglês nos anos setenta. Acredita-se que esta discussão proporciona ângulos para entender seus direcionamentos políticos e epistemológicos. Após este quadro, o texto também discute os conceitos que lhe conferiram prestígio. Em primeiro lugar, propomos uma descrição sobre o lugar de suas reflexões no cenário acadêmico, isto é, com quais perspectivas tem dialogado e se contraposto no debate contemporâneo. A partir disso, explicita-se a construção da noção de discurso, bem como, de antagonismo e hegemonia. Por último, a atenção se centra na compreensão do conceito de populismo como ferramenta para entender as concepções políticas.

PALAVRAS-CHAVE: Ernesto Laclau. Pós-estruturalismo. Discurso. Populismo.

ABSTRACT

The aim of this text is to pay tribute to the legacy of Ernesto Laclau for social sciences. For this, we provide an overview of their training context, elements that run through the history of Argentina, his career as a political activist and its place in the English academic setting in the seventies. It is believed that this discussion provides angles to understand its political and epistemological directions. After this picture, the text also discusses the concepts that conferred your prestige. Firstly, we propose a description of the place of his reflections on the academic setting, ie with which prospects have dialogued and contrasted in the contemporary debate. From this, explains the construction of the notion of discourse as well, antagonism and hegemony. Finally, attention is focused on understanding the concept of populism as a tool for understanding the political conceptions.

KEYWORDS: Ernesto Laclau. Post-structuralism. Discourse. Populism.

RESUMEN

El objetivo de este texto es para rendir homenaje al legado de las ciencias sociales Ernesto Laclau. Para ello, ofrecemos una visión general del contexto de su formación, que se ejecuta a través de elementos de la historia argentina, sus actividades como activista político y su inclusión en la escena académica Inglés en los años setenta. Se cree que esta discusión ofrece ángulos para entender sus direcciones políticas y epistemológicas. Después de esta foto, el texto también analiza los conceptos que conferirían prestigio. En primer lugar, se propone una descripción del lugar de sus reflexiones sobre el entorno académico, es decir, con la que las perspectivas han dialogado y contrastada en el debate contemporáneo. De esto, explica la construcción de la noción de discurso, así, el antagonismo y hegemonía. Por último, la atención se centra en la comprensión del concepto de populismo como una herramienta para comprender las concepciones políticas.

PALABRAS CLAVE: Ernesto Laclau. El post-estructuralismo. El discurso. El populismo.

INTRODUÇÃO

Em 13 de abril de 2014 faleceu Ernesto Laclau, teórico argentino que conquistou prestígio acadêmico internacional através de suas reflexões. Nascido em Buenos Aires, em 1935, cresceu ao redor de discussões políticas. A principal influência neste ambiente foi seu pai (que também se chamava Ernesto Laclau), advogado, intelectual e militante do partido político *Unión Cívica Radical*, especialmente da tendência yrigoyenista¹. Seu engajamento era tanto, que Ernesto Laclau (pai) chegou a participar como chefe civil das revoltas frustradas de 1931, que tinham por objetivo depor o então Presidente da Argentina José Félix Uriburu. As derrotas nos “contragolpes” lhe renderam o exílio no Uruguai, retornando à Argentina em 1932² (LACLAU, 2013).

1. Hipólito Yrigoyen foi o fundador da *Unión Cívica Radical* e Presidente da Argentina em dois mandatos, (1º em 1916-1922 e o 2º em 1928-1930), tendo sido deposto em 1930 pelo golpe de Estado liderado por José Uriburu. Contudo, Yrigoyen se notabilizou no cenário ideológico argentino por defender um regime popular e a independência econômica do País, baseados no nacionalismo liberal (RODGERS, 1991).
2. O retorno à Argentina não significa que o ambiente político tivesse se estabilizado, muito pelo contrário, os anos entre 1930-1943 são conhecidos como *La Década Infame*, devido à perseguição política e aos problemas econômicos (RODGERS, 1991).

A instabilidade política e econômica, o crescimento dos movimentos sindicais, o advento do peronismo e a ligação familiar a este contexto eram suplementos para um espaço de reflexões entre Ernesto Laclau, seus irmãos e seus pais. Dada atmosfera ajuda a entender a anedota expressa por sua mãe, Maria Elena Gastelou: “en esta casa, las ideas sobran. Lo que nos falta es plata” (LACLAU, 2013).

Assim, em sua juventude (entre os anos cinquenta e sessenta), Ernesto Laclau se filiou a alguns partidos de inspiração socialista, porém em virtude das múltiplas divisões internas, pouco permaneceu nesses grupos. A partir de seu ingresso no curso de História da Universidade de Buenos Aires, passou igualmente a integrar o movimento estudantil, em particular o denominado *Frente de Acción Universitaria*, que mais tarde, em 1963, iria se confluir com o *Partido Socialista de la Izquierda Nacional* (LACLAU, 2014).

Por conta desta junção, alguns membros do movimento estudantil assumiram postos na estrutura partidária a Ernesto Laclau coube o papel de editor da revista do partido, intitulada *Lucha Obrera*, função que ocupou por cerca de cinco anos. Não obstante, quando assinava seus artigos utilizava o pseudônimo de Sebastián Ferrer, para evitar inconvenientes com o CONICET (*Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas*), que era ligado ao governo e lhe concedia a bolsa de estudos (LACLAU, 2014).

No final dos anos sessenta, Laclau rompe com o partido em razão de suas dissidências com o programa ideológico, sobretudo pela crescente inclinação ao leninismo. Neste mesmo período inicia sua carreira como docente na *Universidad Nacional de Tucumán* (localizada no norte da Argentina), entretanto foi demitido durante a ditadura de Juan Carlos Onganía³, que implementou uma política educacional repressiva (a ponto de promover a maior “fuga de cérebros” da história argentina), com perseguição e expulsão das universidades públicas de professores e estudantes considerados “subversivos” (LACLAU, 2013).

Ernesto Laclau ajustou suas reflexões e atividades acadêmicas à militância em clivagens políticas de esquerda, portanto parece plausível sublinhar que seu labor intelectual é influenciado e está intimamente relacionado ao seu contexto de formação. O qual uniu suas posições políticas e a história Argentina do período (1930-1970), que apresentava vicissitudes

3. Presidente da Argentina entre 1966-1970.

e incertezas com diversas forças políticas e sociais emergindo, onde tanto ele quanto sua família estavam estreitamente envolvidos.

Em 1969, dentro do cenário repressivo da ditadura de Onganía, surge a oportunidade de uma bolsa de estudos para a Universidade de Oxford na Inglaterra. Todavia, o intercâmbio que deveria durar três anos, prolongou-se em virtude do endurecimento da ditadura argentina e pelo êxito na função de assistente do consagrado historiador marxista, Eric Hobsbawm (LACLAU, 2014b).

Se para analisar as ideias de Laclau não é recomendável dissociá-las de seu prisma de formação, tampouco é possível ignorar a influência de sua permanência na Inglaterra, haja vista o contexto singular de reflexão acadêmica do período. Isto dito, com base em sua inserção no movimento intelectual conhecido como *New Left*, que integrou grandes acadêmicos, como Perry Anderson, Raymond Williams e Stuart Hall⁴ (LACLAU, 2013).

Um dos principais propósitos deste grupo era a revisão das obras de Karl Marx, problematizando as interpretações acadêmicas e políticas desta teoria⁵. Tendo em vista, que algumas abordagens se equivocavam ao prover argumentos unidimensionais sobre a realidade, sem explorar as densidades das intervenções sociais (HALL, 2013). Disso resulta o alinhamento de boa parte destes acadêmicos com as perspectivas de Antonio Gramsci e Louis Althusser, intelectuais marxistas que propuseram novos horizontes para refletir os processos políticos e sociais de dominação (LACLAU, 2014b).

Já no início dos anos setenta, tornou-se professor na Universidade de Essex. Em 1978, após quase dez anos na Inglaterra, publica seu primeiro livro, intitulado, *Política e ideologia na teoria marxista: capitalismo, fascismo e populismo*, composto por artigos escritos a pedido e sob a supervisão de Perry Anderson (LACLAU, 2014b). Apesar da obra não apresentar grandes inovações analíticas, por outro lado antecipa temas e preocupações teóricas que mais tarde seriam retrabalhadas ou refutadas.

-
4. Alguns destes intelectuais fundaram o Centro Contemporâneo de Estudos Culturais, conhecido como a “Escola de Birmingham”. Que adquiriu notoriedade acadêmica nos anos setenta pelo debate acerca das práticas culturais em um contexto de transformações profundas nas estruturas sociais, sobretudo as vividas na Inglaterra, tanto no pós-guerra como no advento do *thatcherism* (HALL, 2013).
 5. É preciso lembrar que neste período muitos regimes considerados autoritários se apropriam de conceitos marxistas, por exemplo, Josef Stálin na União Soviética, Tito na Iugoslávia e Mao Tsé-Tung na China. A crítica do grupo se remete ao uso dos postulados marxistas para justificar políticas autoritárias (HALL, 2013).

Nos anos oitenta alcança o auge de sua carreira devido à ascensão intelectual, fruto da publicação, em 1985, de *Hegemonía y estrategia socialista: Hacia una radicalización de la democracia*, escrito em parceria com Chantal Mouffe. Tal obra se constituiu em um marco de revisão do pensamento marxista, por conta da crítica ao essencialismo identitário, ao determinismo econômico e a visão mecanicista dos arranjos sociais.

Ainda nessa década, Ernesto Laclau fundou o programa de pós-graduação em análises do discurso. Atualmente conhecido como *Essex School of discourse analysis*, que desde então passou a receber profissionais e estudantes interessados em sua abordagem conceitual⁶. O livro *The Making of Political Identities* (1994) reúne alguns dos primeiros trabalhos baseados neste aporte. Explorando temáticas diversas (por exemplo, o *Apartheid* na África do Sul, a crise de identidade na Iugoslávia e o Rastafarismo como resistência cultural na Jamaica), tais analistas demonstram que além de uma construção filosófica, as noções de discurso, antagonismo e hegemonia possuem força heurística para explicar os fenômenos sociais.

Nas décadas posteriores veio o aprofundamento dos conceitos delineados e construídos em grande medida na interlocução com um conjunto amplo e interdisciplinar de pesquisadores, tais como: Slavoj Žižek, Judith Butler, Michel Walzer, Alan Badiou, Claude Lefort, Hanna Pitkin, Nancy Fraser, Jacques Rancière e Stuart Hall. Por intermédio destes debates, acentua-se a inclinação de seu vínculo epistemológico com o desconstrucionismo de Jacques Derrida e com a psicanálise de Jacques Lacan.

A consagração no rol dos grandes pensadores contemporâneos seria selada com a publicação, em 2005, de *La Razón Populista*. Obra em que amadurece as linhas argumentativas desenvolvidas em trabalhos anteriores e as utiliza para reconceitualizar a noção de populismo, entendendo esse conceito como elemento ontológico das práticas políticas. Em virtude do êxito intelectual, Ernesto Laclau recebe o reconhecimento de sua excelência acadêmica, sendo-lhe outorgado o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidad de Buenos Aires, Universidad Nacional de Córdoba, Universidad Católica de Córdoba, Universidad Nacional de San Martín,

6. Cabe ressaltar que Celi Regina Jardim Pinto, cientista política e professora da UFRGS, era a única profissional brasileira da área a estar imersa neste contexto, sendo orientada em seu doutoramento por Ernesto Laclau entre os anos de 1980-1986. Por isso, é considerada a grande responsável por trazer ao Brasil este referencial teórico.

Universidad Nacional de San Juan e Universidad Nacional de Rosario, todas localizadas na Argentina.

Sua obra está traduzida para mais de vinte idiomas, e o emprego de suas categorias possui uma trajetória de significativa contribuição para as ciências sociais na América Latina, EUA e Inglaterra (MENDONÇA; CASEMIRO, 2014). Mesmo assim, o interesse por este autor acontece de maneira ainda gradual no Brasil, por exemplo, até a metade dos anos 2000, havia apenas dois núcleos de estudos nas ciências sociais, um no Rio Grande do Sul e outro em Pernambuco, coordenados por Céli Pinto e Joanildo Burity, respectivamente.

No entanto, parece que esse cenário está sofrendo modificações, e um dos principais indícios da receptividade deste autor no Brasil ocorreu em 2013, onde em atividade de cooperação acadêmica realizou-se a Escola de Altos Estudos em Teoria do Discurso, com a presença de Ernesto Laclau. Dada atividade reuniu esforços dos programas de pós-graduação das Universidades Federais de Mato Grosso, Rio de Janeiro, Pernambuco e Pelotas (RS), e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Tal experiência integrou estudantes e profissionais das áreas de Sociologia, Ciência Política, Pedagogia e Direito, que desenvolvem trabalhos sob essa perspectiva.

Após o breve panorama sobre seu contexto de formação, que oferece ângulos para entender seus direcionamentos políticos e epistemológicos, este texto pretende discutir os conceitos que lhe conferiram prestígio. Com esse propósito em vista, apresentamos quatro seções: na primeira, propomos uma descrição sobre o lugar destas reflexões no cenário acadêmico, isto é, com quais perspectivas têm dialogado e se contraposto. Na segunda seção, explicita-se a construção da noção de discurso, bem como, de antagonismo e hegemonia. Na terceira seção, a atenção se centra na compreensão do conceito de populismo. Por último, buscamos relacionar sua obra e conceitos com suas convicções políticas.

O LUGAR DE SUAS REFLEXÕES NO MAPA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

O situar de suas reflexões se encontra no interstício entre o fetichismo à teoria e o antiteoriscismo. O que equivale a dizer, que suas construções analíticas são complexas, mas que estão fora dos marcos autorreferenciais e sem conexões com a realidade. Do mesmo modo, se caracterizam pela busca por abordagens e diálogos que contribuam para o aprimoramento

na assimilação e interrogação das estruturas discursivas hegemônicas, se contrapondo radicalmente ao relativismo epistêmico.

Sendo assim, sua proposta se inscreve no campo teórico pós-estruturalista, mais especificamente, no pós-fundacionismo (MARCHART, 2009). Dado referencial ganha fôlego pela desconstrução de duas vertentes importantes da filosofia social do século XX. Em primeiro lugar, emprega-se uma crítica sofisticada ao essencialismo, oriundo das concepções fundacionais da sociedade. Essa abordagem compreende que os arranjos sociais baseiam-se em princípios e leis, as quais se apresentam como a essência ou a verdadeira base, sobre a qual está alicerçada a sociedade (LACLAU; MOUFFE, 2010). Em outras palavras, o essencialismo comumente apresenta a existência de um fundamento transcendente ou superestrutural, que se situa fora das relações sociais e políticas (MARCHART, 2009).

Dentre os exemplos mais citados de teorias fundacionais estão o marxismo e o deliberacionismo. No que tange ao primeiro, tema central da obra de Laclau e Mouffe (2010), entendem os autores que tal concepção resume o fundamento da história universal na luta entre oprimidos e opressores na relação capital/trabalho. Dessa forma, a lógica do pensamento marxista seria a busca pela emancipação das forças sociais oprimidas, sendo a classe trabalhadora o agente privilegiado da transformação. Mais recentemente, Mouffe (2005) e Laclau (2006) sustentam que a teoria deliberacionista, sobretudo a inspirada em Rawls e Habermas, almejou construir o consenso racional e a justiça enquanto imparcialidade, como a essência às relações políticas, onde os conflitos seriam resolvidos por meio de deliberação dentro do quadro da razão pública.

A segunda desconstrução diz respeito ao antifundacionalismo, que está baseado na negação e oposição a existência de fundamentos que organizam a estruturação da sociedade (MARCHART, 2009). Laclau (2011) compreende essa perspectiva como subjacente às orientações pós-modernas, nas quais há o rompimento do indivíduo com os sistemas de identificação, tais como, trabalho, cidadania e estado. Em lugar disso, o indivíduo seria portador de uma subjetividade única (*Self*), sua junção na sociedade se daria em relações face a face de negociação da realidade, em que os fundamentos estão ausentes e a sociedade é desprovida de sentido coletivo. Todavia, o antifundacionalismo para se desenvolver necessita erguer-se na negação do fundamento, e assim, cria um novo fundamento, ou seja, o antifundamento (LACLAU, 2011).

Conforme dito anteriormente, o pós-fundacionalismo emerge na crítica dessas duas abordagens. Em relação ao antifundacionalismo, vê uma

clara impossibilidade de superar ou afirmar a inexistência de elementos estruturantes da sociedade (LACLAU, 2011). Por outro lado, sua crítica aos fundacionalismos metafísicos está alicerçada na suposta premissa de uma totalidade ou essência dos processos e agentes sociais. Para Laclau e Mouffe (2010), a noção de discurso significa um fundamento parcial. Portanto, tal perspectiva não nega a existência de fundamentos e a pretensão desses em tornarem-se hegemônicos, entretanto, destaca-se que esse fundar é sempre precário e instável. Por isso, a instabilidade constitui-se em um dos elementos centrais desta abordagem, pois impossibilita a concepção de um sentido finalístico para os discursos construídos pelo social (MARCHART, 2009).

A NOÇÃO DE DISCURSO, HEGEMONIA E ANTAGONISMO

A teoria do discurso elaborada por Ernesto Laclau versa sobre a teoria dos sentidos. Apreende-se que discurso é um sistema de representação, cuja função é a produção de sentidos, com o intuito de simbolizar a realidade sob um conjunto de significados articulados. Isso já nos diz que os discursos nesta perspectiva são abertos, ou seja, eles atraem elementos de outras formações discursivas, vinculando-os a sua própria rede de significação. Do mesmo modo, sustenta que todos os sentidos presentes no espaço social são provenientes de formações discursivas, pois nenhum significado pode se constituir fora do campo da discursividade (LACLAU; MOUFFE, 2010).

Dessa forma, essa noção de discurso não está assentada na distinção entre pensamento e ação, símbolo e realidade. O que significa dizer, que as práticas sociais são entendidas como construções discursivas. Isso permite entender a especificidade das ideias, que são elaboradas sob determinadas noções, ao passo que restringe outras possíveis articulações de sentido. Dito de outro modo, os discursos contêm significados incorporados pelos sujeitos, que os constroem, ao mesmo tempo em que são por eles subjetificados, provocando efeitos concretos nos indivíduos, especialmente na forma como esses irão compreender a conjuntura social e política (PINTO, 2006).

Assim, Laclau (1992; 2006; 2008) demonstra que as identidades sociais são fruto de práticas discursivas, portanto não podem ser consideradas puras e tampouco vistas como naturais. Desde já, esta colocação permite pôr em xeque a concepção fechada de identidade presente no fundacionalismo, seja de inspiração marxista, deliberacionista ou de perspectiva liberal, que edifica a racionalidade econômica/estratégica como princípio das relações sociais. Ao invés disso, o autor nos convida

a pensar nos termos de Saussure e Derrida, onde o significado não pode ser fixado em definitivo. Por mais que os discursos busquem uma consolidação dos sentidos articulados, esse processo será sempre provisório e precário, por mais que dure ao longo do tempo, ele será arbitrário e contingente, ou seja, nada garante que será obrigatoriamente assim (MENDONÇA, 2003).

As razões explicativas para essa instabilidade advém do antagonismo de posições no processo de simbolização. Visto que o campo da discursividade é repleto de práticas significativas, que para se construírem, por vezes, necessitam desconstruir outras. Sendo assim, os sentidos edificados sempre tendem a ter sua validade ameaçada por outras concepções. A partir desse cenário, alguns sentidos podem contingentemente se hegemonizarem, ao passo que outros não, mesmo que temporariamente.

Isso denota que o espaço social é complexo e heterogêneo, e que sobre um mesmo tema poderá haver múltiplas construções discursivas. Entretanto, os discursos não surgem do nada, para que sua articulação goze de sentido, eles necessitam de condições de emergência. O que equivale a dizer que o poder dos discursos é estabelecido sob condições específicas e historicamente delimitado que garantem o estatuto de verdade a determinados códigos, e a exclusão do campo da significação de outros significados possíveis. A colocação reafirma que os discursos são construções sociais, que visam conferir significado a realidade a partir de alguns sentidos, não obstante, essa construção é instável, pois está em permanente disputa.

O elemento estruturante desse argumento e a noção de hegemonia⁷, visto que sem ela o espaço social seria formado por discursos autorreferências, isto é, não haveria articulação, diálogo ou disputa para ver sedimentados seus princípios, em detrimento de outros. Conforme Laclau (1992), todo discurso busca em última instância tornar-se hegemônico, ou seja, que seus sentidos se universalizem. O que faz com que as práticas e a significação atribuída a uma matéria sejam dadas como natural.

É comum pensar a construção do discurso hegemônico como abrangente a uma parcela considerável dos indivíduos. Não há nenhum equívoco, contudo, é preciso atentar igualmente que o processo de hegemonização apresenta-se no interior dos grupos sociais. Assim, o espaço hegemônico possui um raio de atuação geralmente restrito a uma determinada esfera.

7. As distinções e aproximações entre a noção de hegemonia em Gramsci e a apresentada por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2010), é explorada em Alves (2010).

Por isso, o mesmo não se constitui em uma totalidade social, ou melhor, um único princípio articulador. De acordo com Burity (1997), numa formação social poderá haver múltiplos centros de hegemonia, sem que haja relação entre eles.

Sabemos, entretanto, que a universalização dos sentidos hegemônicos nunca é plena, à medida que o mesmo não consegue abarcar a plenitude do social. Isto porque, a hegemonia se constrói em um campo cercado de antagonismos, em virtude das outras particularidades que não lograram o mesmo êxito em se universalizar, e assim, buscarão desconstruir este discurso para poderem se construir como uma nova hegemonia.

Para ilustrar esse ponto, parece pertinente usar o exemplo da democracia para dar ênfase ao que foi apresentado. Desse modo, sabe-se que os sentidos provenientes de sua fórmula liberal representativa constituem-se como discurso hegemônico no mundo ocidental. Por mais que seja hegemônico, este processo não impede a construção de discursos contra-hegemônicos sobre a democracia (PINTO, 1999).

Na América Latina, especialmente na Venezuela e Bolívia, apresentam-se elementos que seriam considerados aberrações para a democracia representativa. Por exemplo, na Venezuela, por intermédio do voto popular, o Presidente pode reeleger-se sem limite de mandatos. Na Bolívia, fora retirado o poder exclusivo dos partidos políticos na oferta eleitoral, ampliando essa prerrogativa aos movimentos sociais. Da mesma forma, o Governo de Evo Morales na Bolívia e o Movimento Zapatista no México, embora aceitem a noção de democracia, todavia buscam resignificar seus sentidos a partir das cosmologias indígenas locais (GROSFOGUEL, 2009). Nesse cenário, pode-se apreender que na constituição de um significado, independentemente se ele for hegemônico, o mesmo contará com pontos de tensão que irão impedir sua construção como totalidade social.

O aspecto inovador desta proposta consiste na combinação entre a reformulação de conceitos consagrados da literatura marxista tais como, antagonismo e hegemonia, com as categorias da linguística, sobretudo a noção de discurso. O resultado desta junção foi a construção de parâmetros de análises para identificar a legitimação dos valores na política, onde as concepções se constroem em torno de posições diferenciadas. Mas que, no entanto, são fluídas e híbridas, tendo em vista que os conteúdos sobre os quais as ideias estão alicerçadas são articulados de forma contingencial, abrindo a possibilidade de novas releituras das representações coletivas.

O CONCEITO DE POPULISMO

O discurso populista preserva as bases epistemológicas indicadas anteriormente. Antes de qualquer apontamento é necessário ressaltar que Laclau trata de resignificar esse termo. Uma vez que, a ideia de populismo é normalmente vista como negativa, devido à associação a retórica política classificada como manipuladora ou demagógica, consideradas pela democracia representativa desvios ou defeitos discursivos. Mendonça e Junior (2014) salientam que o populismo para estas percepções representa uma estratégia política falsamente popular e democrática, mediante a assunção da premissa de que o propósito da retórica populista é “enganar o povo”. Por outro lado, ponderam igualmente que, “nessa lógica pejorativa, o povo é dotado de uma passividade acrítica, de uma total incapacidade de discernir entre o seu interesse e o interesse daquele que supostamente o engana” (p. 125).

Ernesto Laclau rompe radicalmente com essa perspectiva, pois ela não fornece os elementos necessários para compreender as nuances do populismo, ou seja, nesse quadro teríamos apenas uma explicação enviesada e caricata da intenção subjetiva do líder, ao invés de compreender as razões do êxito de seu discurso. Assim, investe-se no entendimento da retórica como possibilidade de explicação do social, explorando as complexidades do fenômeno como lógica organizadora das relações políticas.

A partir desse ângulo, entende-se que tais elementos estão inscritos na realidade social, sendo impossível encontrar políticas em curso que não tenham uma matriz populista. Por isso que muito mais que uma ideologia específica, a lógica populista refere-se ao surgimento de espaços dicotômicos no tecido social. Nesse caso, temos um discurso hegemônico que fracassa em sua função de se sobrepor as particularidades, permitindo que vários pontos de disputas surjam, culminando, por vezes, no deslocamento ou ruptura com as práticas outrora naturalizadas. Amiúde, neste caso temos o conflito entre as demandas insatisfeitas e o regime existente, assim, o surgimento de uma lógica que articula a ideia de “povo” contra seus opressores (LACLAU, 2006).

A *demanda* é a precondição para a emergência da experiência populista. Essa categoria se subdivide em duas formas, a primeira refere-se a um pedido ou solicitação frente às instituições. A segunda se apresenta em caso de frustração na apelação, onde tais demandas se transformaram em reivindicações (MENDONÇA; JUNIOR, 2014). Dito de outra forma, as *demandas democráticas* existem (por exemplo, saneamento básico, saúde

e trabalho digno), mas estão dispersas em uma comunidade, uma vez atendidas ou isoladas, elas desaparecem (LACLAU, 2007; SALINAS, 2010). Todavia, se não atendidas, todas as demandas podem se articular em uma subjetividade social mais ampla, ou seja, um processo de representação, que construirá a noção de uma fronteira antagônica entre o “povo” e o poder, transformando as *demandas democráticas* em *demandas populares* (LACLAU, 2006).

A primeira situação representa a lógica puramente institucionalista, na qual, as *demandas democráticas* são absorvidas pelo sistema. Não obstante, a segunda faz emergir a experiência populista, posto que ela estabelece uma equivalência entre as demandas dispersas e seu opressor, passando estas a serem vistas como constitutivas do desejo popular (LACLAU, 2006; 2007b; SALINAS, 2010).

As *demandas populares* se cristalizam em símbolos comuns de representação. É neste cenário que surge a figura do líder, que encarna este processo de identificação popular (LACLAU, 2006). A função da liderança pode ser exercida por um movimento social, partido político, e obviamente por um líder. Contudo, é pertinente notar que a noção de líder não está meramente associada a algo específico, mas sim a um *nome* que ativa o desejo do objeto.

Aqui se expressa a grande influência da psicanálise (sobretudo, Jacques Lacan⁸), na obra deste autor. Conforme Laclau (2006), o *nome* ou o líder operam no funcionamento do inconsciente em que as representações se transformam em símbolos. O líder incorpora a representação das demandas não pelo fato de possuir atributos objetivos para atendê-las, mas preponderantemente em função dele representar aquilo que lhe supera, isto é, a capacidade de emancipação e satisfação dos discursos articulados.

Nesse panorama, o líder é o significante que unifica a cadeia discursiva, que torna possível a construção de um “povo”. É necessário esclarecer que tal ideia não representa um conjunto de habitantes de dada localidade concreta, antes, é a estruturação de um discurso representado na figura

8. É plausível que este fato se refira somente as suas opções epistemológicas. Contudo, pouco se menciona sobre os possíveis reflexos de sua formação na Argentina na escolha desta base conceitual. Isto dito, em virtude deste país ser considerado desde a metade do século XX um dos maiores centros do mundo em psicanálise, sobretudo baseada em Jacques Lacan. O que talvez o tenha familiarizado com os conceitos psicanalíticos, a ponto de se apropriar de tal modo, que os incorporou de forma proeminente em sua obra, e estabeleceu paralelos fecundos entre as categorias lacanianas e as ciências sociais.

de um líder, que torna sujeito uma parte das pessoas, mas que consegue ser politicamente construída como todo (LACLAU, 2006; 2007b; 2008).

A estruturação do “povo” é possível mediante a homogeneização das demandas heterogêneas, haja vista que de forma isolada elas não teriam condições de formar uma cadeia de equivalências entre “nós” e “eles”. A partir disso, o discurso populista apresenta a essência da representação política, pois ele se constrói no terreno em que as vontades específicas são influenciadas e influenciam os símbolos que o líder articulará através da equivalência das particularidades. Sob este argumento, desconstrói-se a noção de que as vontades são constantes ou definitivas, pelo contrário, há um processo de fricção e hibridização entre os conteúdos adotados, e os contingencialmente particularizados.

A avaliação pejorativa ou positiva da ideia construída de “povo” e do “líder”, dependerá do apoio que cada indivíduo dará a este movimento concreto (LACLAU, 2007b). Isto porque, os significantes que estruturam o discurso populista não possuem um conteúdo definido fora do campo em que estão sendo enunciados, por isso, seu sentido flutua entre formações discursivas distintas. Para tornar mais claro o exposto, convém apresentar três exemplos de construções populistas ao longo da história, que auxiliarão o leitor no entendimento deste discurso.

O primeiro exemplo pode ser o discurso neoliberal, que emerge mediante o contexto de crise do estado de bem estar social. Nesse período, ganha força as teorias monetaristas que postulam a necessidade de diminuição do estado. O desencadeamento da onda neoliberal (inspirado no monetarismo) teve como representante política (líder) a *Premier* britânica Margaret Thatcher, que alicerçou seu discurso na desmoralização do Estado. Tal discurso construiu uma cadeia de equivalências entre o “povo” e seu opressor, neste caso o aparelho estatal, enfatizando o livre funcionamento das forças do mercado, como capazes de proporcionar o desenvolvimento econômico e social (LACLAU, 2007b).

A segunda situação de populismo advém do movimento polonês denominado Solidariedade. Segundo Laclau (2011), esse movimento que se iniciou a partir de demandas específicas dos trabalhadores da cidade de Gdansk, integrou em suas manifestações, sindicatos de diversas categorias e de diferentes localidades⁹. Dessa forma, Laclau (2011) argumenta

9. Embora tenha havido lideranças neste movimento, inclusive Lech Walesa se tornou presidente da Polônia, contudo, elas não se constituíram da mesma forma que os outros exemplos citados.

que essa organização social se transformou no significante que unificou a contestação popular em torno dos problemas econômicos vividos naquela região, bem como, na oposição ao governo comunista.

O último exemplo refere-se à construção do discurso populista da chamada revolução bolivariana, na América Latina. Teríamos nesse caso, uma fronteira antagônica entre uma elite corrupta e sem canais de comunicação com as massas, e uma identidade popular que reclama maior participação nos processos decisórios, além de maior redistribuição dos bens socialmente produzidos. Tais demandas estariam representadas nas figuras dos líderes políticos, Hugo Chávez e Evo Morales, que encarnam a ruptura do “povo” contra os “saqueadores” do bem público (LACLAU, 2007b).

Diante do que foi apresentado, nota-se que Ernesto Laclau (2006) problematiza o conceito e o remete a uma esfera complexa, posicionando esta lógica discursiva na ontologia, ou na constituição dos processos políticos e sociais. Com isso, dada noção deixa de estar atrelada a estereótipos ameaçadores à política, e se transforma em ferramenta para identificar estes elementos em diversas concepções, inclusive naquelas, convencionadas pelo *mainstream* da ciência política, como avessas ao populismo.

Ernesto Laclau (2013) postula que a política contemporânea deve encontrar formas intermediárias de abarcar o institucionalismo e o populismo, independentemente das formas que estes viriam a assumir. Embora sejam vistas como incompatíveis dadas modalidades por si só não conseguem dar conta das vicissitudes as quais a política demanda. Uma vez que, o institucionalismo conduz a erradicação do conflito mediante a absorção das demandas pelo aparelho estatal, o que poderia consolidar o poder corporativo das instituições. Por outro lado, o populismo desencadeia a ruptura com o *status quo*, e em última instância levaria a dissolução dos marcos institucionais (LACLAU, 2013).

O INTELLECTUAL DOS DEBATES E COMBATES

Ernesto Laclau definia-se como um intelectual orgânico, visto que sua obra, conceitos e ideias refletiam suas preocupações teóricas e de engajamento político. Considerava que ao dar suas opiniões através de uma entrevista ou palestra, articulava sua atividade intelectual com as concepções que se filiava (LACLAU, 2013). A partir disso, podemos entender seus posicionamentos favoráveis aos governos latino-americanos

emergentes na última década¹⁰ (que lhe serviram como pano de fundo e se influenciaram de suas considerações sobre o populismo). Ainda que muitos analistas avaliassem a situação no continente como discrepante e com fortes tendências antidemocráticas, ele as considerava um novo horizonte para a política na América Latina, alertando que se algo deveria ser temido, era o neoliberalismo ao invés do bolivarianismo (LACLAU, 2007).

Sua construção teórica demonstrou que a democracia representativa é um discurso que se apoia em determinado conjunto de significantes, em detrimento de outros sentidos possíveis. Mesmo que seus significados sejam hegemônicos, eles sempre estão em disputa, pois são contingentes e finitos a uma realidade histórica. Isto posto, para denotar que seu desenvolvimento conceitual confluía com suas intervenções em discussões políticas. Sobretudo em favor da reeleição indefinida ou da regulação sobre os monopólios dos meios de comunicação (propostas por boa parte dos governos progressistas na América Latina deste decênio), pois entendia que nem todos os conteúdos considerados hegemônicos eram intrínsecos à democracia, mas fruto de uma formação discursiva específica.

Nos últimos anos, estava mais do que nunca lúcido e ativo, percorrendo o mundo para palestrar sobre suas concepções em universidades da América Latina, Europa e EUA. Também marcava presença para o público geral, apresentando programas de debates políticos na TV Argentina e Inglesa, onde esboçava suas ideias e respondia aos mais diversos críticos. Ernesto Laclau poderia ter se encastelado no universo acadêmico, especialmente pelo prestígio que já dispunha, mas ao invés disso e com enorme disposição, preferiu expor-se.

Faleceu Ernesto Laclau, todavia, suas ideias estão vivas, pois nos permitem refletir os discursos enquanto criações sociais e que seu objetivo é ter efeito nas regras de comportamento, e assim exercer influências cognitivas e ideológicas nos indivíduos. Ao mesmo tempo, nos ensina a ponderar que os discursos estão articulados com agendas políticas e sócio-culturais mais amplas. Sendo assim, estão estruturados sob o escopo de definições organizadas mediante regras de significações específicas, embora contingentes, se transformam em convenções naturalizadas, mas que devem ser sempre questionadas e enfrentadas, pois nenhum conteúdo representa a essência do social em sua totalidade.

10. Foi convidado para ser Embaixador da Argentina na França e Inglaterra, todavia, rejeitou.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ana (2010). O conceito de hegemonia: De Gramsci a Laclau e Mouffe. **Revista Lua Nova**, São Paulo, n° 80: p. 71-96.
- BURITY, Joanildo (1997). **Desconstrução, hegemonia e democracia**: O Pós-Marxismo de Ernesto Laclau. Universidade Federal de Pernambuco – Departamento de Ciência Política – Fundação Joaquim Nabuco, Dissertação (Mestrado).
- GROSGOUEL, Ramon (2009). Izquierdas e Izquierdas Otras: entre el proyecto de la izquierda eurocéntrica y el proyecto transmoderno de la nuevas izquierdas descoloniales. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, No.11: 9-29, julio-diciembre.
- HALL, Stuart (2013). **Discurso y Poder**. Editor Ricardo Soto Sulca, Huancayo-Perú, Editora da Universidad Nacional del Centro de Perú.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal (2010). **Hegemonía y estrategia socialista**: Hacia una radicalización de la democracia. Editora Fondo de Cultura Económica (FCE), Buenos Aires, 3° edição.
- LACLAU, Ernesto (2006). **La razón populista**. Capítulos 4, 5 e 6. FCE, Buenos Aires.
- _____ (org.) (1994). **The making of political identities**. Editora Verso, Londres.
- _____ (1992). **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo**. Editora Nueva Visión, Buenos Aires.
- _____ (2007). La deriva populista y la centroizquierda en latinoamerica. **Revista Nueva Sociedad**, vol. 205, sept - oct.
- _____ (2011). **Emancipação e Diferença**. Capítulos 2, 4 e 6. Editora UERJ.
- _____ (2008). Atisbando el futuro. In: **Laclau: aproximaciones críticas a su obra**. (Orgs.) CRITCHLEY, Simon e MARCHART, Oliver. FCE, Buenos Aires.
- _____ (2014). **Depoimento [2012]**. El intelectual de los debates y los combates. Entrevista concedida a PERTOT, Werner, *Jornal Página/12*, 14-abril.
- _____ (2013). **Depoimento [jul. 2013]**. “Es el mejor momento democrático en 150 años”. Entrevista concedida a GRANOVSKY, Martín, *Jornal Página/12*, 21-julho.
- _____ (2014b). **Depoimento [nov. 2013]**. “La última entrevista de Ernesto Laclau con LA NACION”. Entrevista concedida a SEHINKMAN, Diego, *La Nación*, 13-abril.
- MARCHART, Oliver. **El pensamiento político posfundacional**: La diferencia política en Nancy, Lefort, Badiou y Laclau. Buenos Aires, FCE, 2009.
- MENDONÇA, Daniel (2003). A noção de antagonismo na ciência política contemporânea: Uma análise a partir da perspectiva da Teoria do discurso. Curitiba: **Rev. Sociol. Polit.** n° 20. p. 135-145.
- MENDONÇA, Daniel; CASEMIRO, Alicia (2013). Apresentação: O populismo na visão inovadora de Ernesto Laclau. In: **A razão populista**. LACLAU, Ernesto. Ed. Três Estrelas, SP.
- MENDONÇA, Daniel; JUNIOR, Roberto (2014). Rancière e Laclau: democracia além do consenso e da ordem. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n°13. Brasília, pp. 107-136.

- MOUFFE, Chantal (2015). Por um Modelo Agonístico de democracia. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, num. 25 p.11-23, nov.
- PINTO, Céli (2006). Elementos para uma análise de discurso político. **Revista Barbarói**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, n. 24, p. 78-109.
- _____ (1999). Democracia como significante vazio: a propósito das teses de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. **Revista Sociologias**, n. 2.
- RODGERS, Susana (1991). El nacionalismo yrigoyenista (1930-1943). **Revista Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**, Buenos Aires, Volume 1:2.
- SALINAS, Alejandra (2011). Populismo, democracia, capitalismo: La teoría política de Ernesto Laclau. **Crítica Contemporánea. Revista de Teoría Política**, No1 Nov.

